



UM "PRESEPÃO"

Diário do Povo

Conceição Arruda Toledo

18-12-76

Foi na tarde de 10 de agosto de 1974 que eu tive o primeiro contato com o maravilhoso presépio da família Cúrcio, graças a uma ocasional oportunidade.

Dar-se-ia então, a sua abertura, em sala anexa ao Castelo d'água e a renda resultante da visitação pública seria destinada ao Lar Escola Jesus de Nazaré, cuja presidente havia convidado o sr. Jolumá Britto para fazer a apresentação e falar sobre os autores daquela monumental obra artística que remontava aos idos de 1906, com a chegada ao Brasil de seu idealizador, o italiano José Cúrcio.

Desconheço os motivos do não comparecimento do apresentador convidado; sei somente que, para "salvar a situação", fui convidada em cima da hora para falar em seu lugar, tendo a feliz ocasião de conhecer a família Cúrcio e tomar o primeiro contato com o presépio, agora intitulado de "o presepão", pelas suas dimensões e pelo número de seus figurantes.

Deslumbrada, naquela tarde, momentos antes da inauguração oficial, vi movimentar-se um mundo de pequeninas formas esculpidas a mão, quando a chave elétrica foi acionada pelo menino Fernando, da terceira geração de artistas que há cinquenta anos, na família Cúrcio, dedicam-se amorosamente a tão emocionante obra.

Diante das explicações que aos poucos me foram dadas antes da abertura, para que eu tivesse elemento para discorrer sobre o assunto, fui compreendendo que tinha diante dos olhos uma autêntica preciosidade folclórica, pois aquele presépio era uma tradição que, sem solução de continuidade, passara de José Cúrcio aos filhos, Carmelita e Pascoalino, e destes, aos netos, José, Fernando e Pedro.

Nele, tudo era pacientemente feito por suas mãos: as figuras, as roupas, os instrumentos, o cenário, a montagem a parte elétrica que lhes imprimia movimento; até mesmo as plantas naturais que compunham o ambiente eram plantadas e cultivadas pela família.

Pensando no valor folclórico da obra, a primeira pessoa que me veio à mente foi a professora Alba C. Vidigal, que por sorte, morava a um passo dali.

Sugeri que alguém a fosse chamar, avaliando de antemão a alegria que aquela "descoberta" proporcionaria-lhe — a ela, apaixonada incorrigível pelo folclore em nossa cidade.

Os olhos sorridentes e brilhantes de Alba indicavam-me que não me havia enganado. Ali estava qualquer coisa de maravilhoso. Um manancial da mais pura arte espontânea, com uma fabulosa história e uma evidente vivência que não poderia ser desprezada. Pelo contrário, era mister divulgá-la para que toda gente dela tivesse conhecimento e passasse a prestigiá-la com sua presença, ainda mais que a venda dos ingressos a preços populares, reveter-se-ia a entidade benemerente.

Recordo-me que escrevi logo depois uma crônica neste mesmo jornal, sob o título: "Um presépio tradicional", relatando pormenores da sua história e descrevendo parte do que vira.

Os cronistas de Campinas acordaram para o fato e muita gente escreveu sobre ele desde então.

Passados dois anos, eis-me aqui retomando o assunto, depois de reencontrá-lo, instalado agora em sede definitiva, na avenida Saudade, em ampla dependência cedida pela Sanasa, triplicado em dimensão, conservando figuras do tempo de José Cúrcio e fartamente enriquecido com personagens da atualidade, esculpidas pelos seus filhos e netos, principalmente o jovem Fernando, braço direito da "tia Carmelita"; como o avô, talentoso artífice, criando a maioria das figuras que compõem uma variedade de tipos humanos que ainda hoje dão vida e colorido às ruas da cidade, tais como o pipoqueiro, o homem do realejo, o vendedor de algodão doce, o amigo da onça, o perna de pau, etc.

Fernando é ainda o responsável pela parte elétrica que aciona toda aquela engrenagem componente de uma comunidade estuante de vida, desde o quartel, a igreja, os tipos de rua, ao acampamento de índios que dançam, atram setas ou simplesmente postam-se em pontos estratégicos, prontos para o ataque; ou o oceano, onde singram orgulhosamente os navios esculpidos pelo avô durante o tempo do noivado... Ou ainda, às pequenas comunidades onde se exercem diferentes profissões, praticam-se danças típicas, vagambudeia-se em bancos de praças públicas, ou se exercia em grande número de instrumentos musicais.

É tão surpreendentemente variado o presépio que agora a família Cúrcio está exibindo em Campinas, em prol da "Sociedade Campineira de Recuperação da Criança Paralítica", que tem na presidência a figura humana e dedicada do dr. Heitor Moraes Nascimento, que não é possível, no limitado espaço de uma crônica, abordar todas as suas peculiaridades, sem contar ainda a existência de painéis e quadros pintados por Da. Carmelita — pintura genuinamente popular que não traz assinatura, passando para o domínio público se a ela não se fizer menção.

Quando comentei a distância em que se localizava o presépio, a Profa. Alba me esclareceu que "a verdadeira arte popular", onde quer que se encontre, é descoberta e procurada pelo povo, que a consagra independente de distância e local".

Se assim é, tenho certeza de que os campineiros acorrerão à Av. Saudade para se deliciarem com a criatividade e a riqueza ali expostas.